

Cleofe Person de Mattos, uma vida dedicada a José Maurício e à música brasileira¹

Carlos Alberto Figueiredo

Resumo

Este texto apresenta a trajetória de Cleofe Person de Mattos (1915-2002), professora, musicista e pesquisadora carioca. Além de sua carreira como professora da Escola de Música da UFRJ, foi uma das principais pesquisadoras da música brasileira de vários períodos, com destaque para seus trabalhos em torno da vida e da obra de José Maurício Nunes Garcia. Sua carreira como musicista se inicia com a criação da Associação de Canto Coral em 1941, conjunto com o qual dirigiu e preparou algumas centenas de concertos, além das primeiras gravações de obras de compositores brasileiros dos séculos XVIII, XIX e XX. Destaca-se em sua produção a edição de inúmeras de José Maurício Nunes Garcia, desde obras curtas a *cappella* até obras monumentais, como a *Missa de Santa Cecília*.

Cleofe Person de Mattos nasceu em 17 de dezembro de 1913, no Rio de Janeiro, e faleceu em 2 de maio de 2002, com a idade de 88 anos, na mesma cidade. Sua vida foi intensa e polivalente, atuando como professora, musicista e pesquisadora. Cleofe, como era chamada pelas pessoas com quem se relacionava, estudou inicialmente com Oscar Guanabara (1851-1937), graduando-se em Composição e Regência na atual Escola de Música da UFRJ (1941), tendo, no ano anterior, concluído o curso de formação para professor secundário especializado em música e canto orfeônico, pela extinta Universidade do Distrito Federal.

Ingressou na carreira de ensino superior em 1947, passando a lecionar Teoria Musical na atual Escola de Música da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UFRJ), e, mais tarde, em 1973, Fuga I e II. Em 1984, foi agraciada com o título de Professora Emérita da instituição.

Teve intensa atividade internacional como representante do Brasil em eventos culturais de vários tipos em cidades europeias. Recebeu inúmeras honrarias por suas atividades, tais como as medalhas Jornal do Commercio (1958) e Carlos Gomes (1960), além do troféu Estácio de Sá (1972). Em 1964, foi eleita para a cadeira cinco da Academia Brasileira de Música, cujo patrono é José Maurício. Chegou a ser eleita presidente do Instituto Interamericano de Diretores de Coros, em 1979, mas ocupou o cargo por pouco tempo. Em 1981, recebeu o *Kenneth David Kaunda Award for Humanism*, da Associação Pan-Africana.

Já em 1961, proferia a pesquisadora a primeira de suas conferências sobre José Maurício, no Centro de Estudo de Música Brasileira do Diretório Acadêmico da Escola de Música da UFRJ. Essa conferência teve como título “José Maurício, um Mestre”, e foi ilustrada com a primeira audição moderna de três *Graduais* do compositor carioca,

¹ Artigo publicado originalmente na revista musicológica portuguesa *Glosas*, n. 16, maio de 2017, p. 32-37. Foram feitas algumas adaptações, refletindo os cinco anos decorridos desde então.

sob a direção de Othonio Benvenuto (1925). Era o início simbólico de uma longa carreira dedicada à pesquisa sobre a vida e a obra de José Maurício e a música brasileira em geral.

Nesse longo percurso musicológico, realizou seus dois estudos mais importantes sobre José Maurício. O primeiro deles, o “Catálogo Temático das Obras do Padre José Maurício Nunes Garcia”², publicado em 1970. Além do mérito de ter sido o primeiro catálogo temático brasileiro, tendo servido de modelo para tantos outros do mesmo tipo, sistematizou com profundidade o conhecimento da produção do compositor carioca, elencando obras, fontes e arquivos minuciosamente, em verbetes plenos de comentários de interesse, além dos *incipits* temáticos, essenciais para esse tipo de catálogo. As obras desaparecidas de José Maurício estão listadas em apêndice. Os textos introdutórios são de grande riqueza, abordando dados biográficos, e estabelecendo as bases do catálogo. Apesar de necessitar de revisão, em função de tantas novas descobertas, nesses mais de 50 anos, continua sendo a grande referência para o estudo da obra mauriciana. As ricas introduções às suas edições de obras do compositor carioca suprem, parcialmente, os itens desatualizados do Catálogo.

A segunda abordagem de fôlego da pesquisadora é “José Maurício Nunes Garcia – Biografia”³, publicada em 1997. Representa o resultado de sua continuada pesquisa em fontes primárias que tratam da vida do compositor e do seu contexto sociocultural. Pelo fato de a obra não ter tido sua versão final pelas mãos da autora, há várias inconsistências na organização do texto, mas que não comprometem a solidez das informações nele contidas. De especial valor são as notas de fim, com transcrições de documentos de época e outras informações importantes. Há um apêndice precioso, onde são elencadas as obras de José Maurício, existentes e desaparecidas, representando sua derradeira atualização sumária das novas descobertas feitas desde a publicação do Catálogo Temático, 27 anos antes.

Foram grandes as dificuldades para a realização de sua pesquisa que gerou o Catálogo Temático. Os dois principais arquivos que contêm fontes musicais de José Maurício apresentaram condições adversas para o acesso à documentação. A Biblioteca Alberto Nepomuceno da Escola de Música da UFRJ tem um setor que funciona como “arquivo histórico”, de uma grande riqueza, no que diz respeito à música brasileira dos séculos

² MATTOS, Cleofe Person de. *Catálogo temático das obras do padre José Maurício Nunes Garcia*. Rio de Janeiro, MEC, 1970.

³ MATTOS, Cleofe Person de. *José Maurício Nunes Garcia - Biografia*. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1997.

XVIII e XIX. No momento da pesquisa de Cleofe, o armazenamento das fontes musicais era totalmente caótico, com pilhas de partituras sem qualquer ordem, empoeiradas e em mau estado. Cleofe conseguiu vencer esse arquivo e seu trabalho de reordenação do material ligado a José Maurício foi o início da reorganização do setor, como um todo. Hoje, as fontes mauricianas, e tantas outras, estão cuidadosamente organizadas e colocadas de forma segura em arquivos e pastas. O arquivo do Cabido Metropolitano do Rio de Janeiro, que deveria conter grande acervo de fontes musicais mauricianas, tendo sido o compositor mestre de capela da Sé do Rio de Janeiro e da Capela Real lá instalada, hoje contém apenas cerca de 30 de suas obras. Houve um paulatino processo de dilapidação do arquivo, principalmente no final do século XIX e início do século XX. As listagens do próprio José Maurício⁴ e dos arquivistas Joaquim José Maciel⁵, Miguel Pedro Vasco⁶ e Padre Antônio Romualdo da Silva⁷ nos mostram o processo de dispersão das obras mauricianas que chegaram a estar depositadas na instituição sacra. O problema ainda maior para Cleofe foi seu permanente conflito com o Cabido, e, principalmente, com seu arquivista, Monsenhor Guilherme Schubert (1913-1998). Hoje, a situação para pesquisa no que restou do material do Cabido foi muito facilitada pelo projeto da equipe capitaneada pelos musicólogos André Guerra Cotta e Marcelo Hazan, que reorganizou, catalogou e digitalizou todas as fontes lá contidas, e não só musicais. O material está disponível na *Internet*⁸ e também em *Cd-Roms*. Porém, o acesso físico às fontes continua interdito, refletindo o obscurantismo que domina muitas das instituições religiosas brasileiras, e que tem prejudicado enormemente a pesquisa do passado musical do país.

Além de sua pesquisa sobre José Maurício, Cleofe Person de Mattos se dedicou a grande número de temas ligados à musicologia nacional, abordando Francisco Manoel da Silva (1795-1865), D. Pedro I (1798-1834), Marcos Portugal (1762-1830) e

⁴ GARCIA, José Maurício Nunes. Relação das obras compostas para a Real Capela até o dia 06 de setembro de 1811 (apud Porto-Alegre, Manuel de Araújo. "Marcos Portugal e José Maurício. Catálogo de suas composições musicais". *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, XXII, 1859, 504-506). Reprodução disponível em http://www.acpm.com.br/CPM_60-37-03.htm. Acesso em 22 de fevereiro de 2017.

⁵ MACIEL, Joaquim José. Catálogo das músicas arquivadas na Capela Imperial, de composição do Padre Mestre José Maurício Nunes Garcia, organizado por ordem do Illmo. Snr. Monsenhor Inspetor, pelo arquivista Joaquim José Maciel, 1887 (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Lata 7, doc. 9).

⁶ VASCO, Miguel Pedro. Catálogo das músicas da Capela Imperial actualmente Cathedral Metropolitana do Rio de Janeiro, 1902. Disponível em http://www.acmerj.com.br/CMRJ_CME_SD_Cx046_UD01.htm. Acesso em 18 de fevereiro de 2017.

⁷ SILVA, Pe. Antônio Romualdo da. Catálogo das Músicas Sacras pertencentes ao Archivo da Capela Imperial, 1922. Disponível em http://www.acmerj.com.br/CMRJ_CME_SD_Cx046_UD02.htm. Acesso em 18 de fevereiro de 2017.

⁸ Disponível em <http://www.acmerj.com.br/> Acesso em 18 de fevereiro de 2017.

Sigismund Neukomm (1778-1858). Foi colaboradora na “Bibliografia Musical Brasileira (1820-1950)”⁹, publicada em 1950, com a participação de Luiz Heitor Corrêa de Azevedo (1905-1992) e Mercedes Reis Pequeno (1921-2015). Colaborou também na “Enciclopédia da Música Brasileira”¹⁰, lançada em 1977, e, a partir de 1978, com o RISM (*Répertoire Intenational des Sources Musicales*), projeto internacional criado em 1952, em Paris. Participou do projeto “O Ciclo do Ouro. O Tempo e a Música no Barroco Católico”, coordenado por Elmer Barbosa. Esse livro, lançado em 1978¹¹, catalogou e registrou em microfilmes grande parte da produção musical mineira dos séculos XVIII e XIX. Nesse mesmo ano de 1978, teve participação destacada no Seminário de Cultura Mineira, promovido pelo Conselho Estadual de Cultura de Minas Gerais.

Uma vertente pouco conhecida da atuação de Cleofe está ligada ao folclore brasileiro, em parte por sua grande proximidade com Luiz Heitor Correa de Azevedo, tendo proferido a conferência “A Expressão Religiosa na Música Folclórica Brasileira”, em 1950, na Pro-Arte de Teresópolis. Foi membro da Comissão de Folclore do Instituto de Educação Ciência e Cultura, no período de 1948 a 1960.

Foi a partir da década de 1970, que Cleofe Person de Mattos iniciou seu importante trabalho de edição de obras de José Maurício. Sua primeira incursão nessa direção foi um pequeno volume intitulado *Obras Corais A Capella*, publicado pela Associação de Canto Coral, em 1976, em comemoração aos 35 anos da instituição. É uma publicação que teve grande repercussão nos meios corais, profissionais e amadores, pela acessibilidade das obras, ao mesmo tempo simples e expressivas. É possível afirmar que a maior parte da presença de José Maurício em concertos e gravações está ligada ao repertório contido nessa publicação pioneira.

O trabalho conjunto de Cleofe Person de Mattos com a Fundação Nacional das Artes (FUNARTE), criada em 1975, levou à edição e publicação de obras sacras de médio e longo porte, tais como as *Matinas do Natal*, CPM¹² 170 (1978), o *Gradual Dies Sanctificatus*, CPM 130 (1981), o *Gradual de S. Sebastião*, CPM 143 (1981), os *Salmos*

⁹ AZEVEDO, Luiz Heitor Correia de Azevedo. *Bibliografia musical Brasileira, 1820-1950*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde / Instituto Nacional do Livro, 1952.

¹⁰ MARCONDES, Marco Antônio (ed.). *Enciclopédia da Música Brasileira – erudita, folclórica, popular*. São Paulo, Art Editora, 1977.

¹¹ BARBOSA, Elmer (Org.). *O Ciclo do Ouro – O tempo e a música no Barroco católico*. Rio de Janeiro, MEC-Funarte, 1979.

¹² Índice catalográfico das obras de José Maurício Nunes Garcia, conforme o Catálogo Temático das obras de José Maurício (Mattos, 1970).

Laudate Pueri, CPM 77 e *Laudate Dominum*, CPM 76 (1981), a *Missa Pastoril Para Noite de Natal*, CPM 108 (1982), o *Ofício 1816*, CPM 186 (1982), a antífona *Tota Pulchra*, CPM 1 (1983), e a *Missa de Santa Cecília*, CPM 113 (1984). Mencione-se, ainda, a edição do *Requiem 1816*, CPM 185, realizada pela pesquisadora e publicada pela *Carus Verlag*, da Alemanha, em 1993. Essa edição restabelece o contato com os manuscritos autógrafos da obra, quebrando, com isso a tradição das reproduções a partir da edição de 1897, feita pelo compositor Alberto Nepomuceno (1864-1920).

As edições da musicóloga obedecem a um padrão típico, apresentando introdução com informações biográficas e contextuais, levantamento de obras existentes e desaparecidas do mesmo gênero e breve análise estético-formal da obra editada. A maior parte de suas edições é baseada em manuscritos autógrafos, não havendo, praticamente jamais, colação entre outras fontes que transmitam a mesma obra. Nem todas essas edições contêm recenseamento ou aparato crítico, o que compromete o caráter crítico que muitas delas poderiam ter.

A Associação de Canto Coral (ACC) foi a materialização da atividade de Cleofe Person de Mattos como musicista e regente. Através dessa instituição, pode ampliar enormemente seu raio de ação, em prol da divulgação da música coral em geral, e, principalmente da música coral brasileira, de todas as épocas.

A entidade foi fundada em 1941, inicialmente como Coro Feminino Pró-Música. Foi só no final dessa década que ocorreram as primeiras tentativas de se transformar o conjunto em coro misto. O coro teve destacada participação em inúmeros eventos culturais, artísticos, cívicos e de outras naturezas, nesses seus 80 anos de existência. Sua atuação no Rio de Janeiro abrangeu todos os espaços culturais existentes, desde o Theatro Municipal e Sala Cecília Meirelles até escolas públicas e pequenos centros culturais, passando pelas igrejas da cidade. O conjunto viajou com frequência pelo Brasil e realizou uma *tournee* internacional pela Europa, em 1965, além de viagem ao Chile, em 1977.

No início das atividades do coro, Cleofe Person de Mattos dividia a direção do grupo com Dinah Buccos Alves (?-?), mas, a partir de 1955, assume a direção exclusiva, mantendo sua atividade como diretora artística até o início da década de 1990.

O coro esteve sob a regência de maestros nacionais e internacionais, tais como Karl Richter, Pierre Boulez, Kristof Penderecki, Lamberto Baldi, Alceu Bocchino, Isaque Karabtchevsky, Henrique Morelembaum, entre outros. Atuaram também como regentes

assistentes, diretamente ligados a ela, Luiz Fernando Zamith, Elza Lakschevitz, Carlos Alberto Figueiredo e Maurílio Costa.

Em 1995, seus sérios problemas de saúde obrigaram-na a deixar definitivamente a instituição. Assumiu, então, a direção artística, Carlos Alberto Figueiredo, ficando a regência do conjunto com Valéria Matos. Mais recentemente, a ACC passou por grande reformulação de seus quadros administrativos, ocupando a direção musical, neste momento, Jésus Figueiredo.

É grande a quantidade de material musical acumulado nos arquivos da instituição, muitos raros, como as partes para execução da *Missa de Santa Cecília*, em 1898. Há música coral brasileira de autores que são hoje virtualmente desconhecidos das práticas dos coros brasileiros. Grande parte desse material foi copiada por profissionais ligados à entidade, e um dos problemas de acesso a essa rica biblioteca musical é o fato de ser quase toda constituída por partes cavadas. Será lançado em breve o volume *Acervo de Partituras Corais da Associação de Canto Coral*, tendo como editores Carlos Alberto Figueiredo e José Alberto Pais. O acervo documental da instituição é considerável, com programas, recortes de jornais, fotos, cartas e outros itens, que contam não só a história da ACC, mas também da vida musical no Rio de Janeiro, nesses 80 anos. Todo esse material está sendo paulatinamente tratado arquivisticamente para futura disponibilização para os interessados em sua pesquisa.

O repertório inicial da Associação de Canto Coral era constituído de obras *a cappella*, nacionais e internacionais, com muito ecletismo. Essa vertente de atuação do coro da ACC permaneceu durante todo o tempo de sua atividade, mas foi durante a década de 1950 que surgiu a nova tendência do conjunto, que passou a se dedicar ao repertório coral-sinfônico, com a participação das orquestras profissionais atuantes no Rio de Janeiro, tais como a Orquestra Sinfônica Brasileira, Orquestra do Theatro Municipal do Rio de Janeiro e, um pouco mais adiante, a Orquestra Sinfônica Nacional. A partir daí, grandes obras desse repertório, internacional e também nacional, foram sendo reveladas ao público do Rio de Janeiro. Oratórios, Missas e Cantatas, de autores barrocos e românticos foram incorporados à rotina de concertos da cidade. A preocupação de Cleofe Person de Mattos com a difusão do repertório moderno e contemporâneo, fez com que várias obras importantes tivessem sua estreia brasileira pelas vozes da Associação Canto Coral: *Le Martyre de San Sébastien*, de Debussy, *Les Coephores*, de Darius Milhaud, *Jean d'Arc au Bûcher* e *Roi David*, de Honneger, foram apresentadas no início da década de 1960. Em 1963, o conjunto executa a *Missa* de Stravinsky, sob a

direção do próprio compositor. Villa-Lobos e outros compositores nacionalistas da primeira metade do século XX tiveram intensa participação nos programas da ACC.

A então recém-descoberta música colonial mineira, fruto das pesquisas do musicólogo teuto-uruguaio Francisco Curt Lange (1903-1997), passou a figurar no repertório do conjunto, a partir de 1958, quando da realização do “Festival de Música Religiosa Brasileira de Minas Gerais”, em junho daquele ano. A estreia de uma obra de José Maurício Nunes Garcia com o coro da ACC se deu em dois concertos realizados no Theatro Municipal, em 1955, dentro da programação do 36º. Congresso Eucarístico Internacional, com a apresentação da *Missa em Si bemol*, CPM 102, com a Orquestra do Theatro Municipal, sob a direção Lamberto Baldi (1895-1979). No final de 1956, a *Missa em Si bemol* foi de novo apresentada em dois concertos, e, logo em 1957, foi a vez da *Missa Pastoril*. A partir daí, José Maurício passou a ser presença constante nos concertos da ACC, tanto com suas obras de maior porte, quanto do repertório *a cappella*.

No final da década de 1950, Cleofe Person de Mattos e a ACC iniciaram sua fecunda trajetória de gravações da obra sacra de José Maurício. Nessa primeira fase, participaram da execução de obras de grande porte. A primeira gravação, em LP, ocorreu em 1957, focalizando a *Missa Pastoril*, lançada pela Odeon¹³ com o coro e a orquestra, dirigidos por Francisco Mignone (1897-1986). Em seguida, em 1958, é gravado o *Requiem 1816*, executado pela Orquestra do Theatro Municipal do Rio de Janeiro e o coro, sob a direção de Edoardo de Guarnieri (1899-1968).¹⁴ Em 1959, foi a vez da *Missa de Santa Cecília*, com a Orquestra Sinfônica Brasileira e o coro, conjuntos também dirigidos por Edoardo de Guarnieri. Essa gravação foi realizada em concerto ao vivo.¹⁵ Na década de 1960, a Odeon lança, através de seu selo Angel, a coleção “Música na Corte Brasileira”, com cinco LPs. A ACC participa do volume 1¹⁶, com dois motetos curtos de José Maurício: *Judas Mercator Pessimus*, CPM 199, e *Crux Fidelis*, CPM 205; do volume 2,¹⁷ com o *Te Deum das Matinas de São Pedro*, CPM 92; e do volume 3,¹⁸ com o *Kyrie* e o *Fugato* da *Missa de Nossa Senhora da Conceição*, CPM 106. No início da década de 1970, o coro da Associação de Canto Coral participa da gravação de um LP, dentro da coleção “Grandes Compositores da Música Universal”, da Abril

¹³ SC 10119.

¹⁴ Festa, LDR 5012.

¹⁵ Catalogação não identificada.

¹⁶ 3 CB X 410.

¹⁷ 3 CB X 411.

¹⁸ 3 CB X 412.

Cultural.¹⁹ A participação do coro se restringiu à execução dos motetos *Popule Meus*, CPM 222, *Domine tu mihi lavas pedes*, CPM 199 e *In Monte Oliveti*, CPM 218. Essa gravação tem importância especial, por integrar uma coleção voltada para o grande público, vendida em bancas de jornais, a preços acessíveis. A década de 1980 traz grande atividade da Associação de Canto Coral na divulgação fonográfica da produção de José Maurício. Já em 1980, são lançadas as *Matinas de Finados*, CPM 191.²⁰ No mesmo ano, a gravação da *Missa abreviada*, CPM 112, reúne, além da Associação de Canto Coral, vários corais cariocas, com a participação da Orquestra da Escola de Música da UFRJ, todos dirigidos por Ricardo Duarte.²¹ No ano de 1981, é apresentado o LP comemorativo dos 40 anos da instituição,²² contendo o *Gradual para Domingo de Ramos*, CPM 218, o moteto *Domine Jesu*, CPM 208, e o *Ofertório para 3ª. Feira Maior*, CPM 192c. Em 1986, duas obras de grande envergadura são lançadas: as *Matinas do Natal*, na versão orquestral,²³ e a *Missa de Nossa Senhora do Carmo*, CPM 110, ambas reunindo a ACC e a Camerata do Rio de Janeiro, sob a direção de Henrique Morelembaum.²⁴

Essa gravação representa o “canto do cisne” da Associação de Canto Coral e de sua diretora artística na difusão de obras de José Maurício, nesse período de cerca de 30 anos. Porém, a divulgação da obra sacra do compositor carioca continuou ativa nas vozes do coro da ACC, através de relançamentos de gravações antigas. Inicialmente, ainda em vinil, pela FUNARTE, a *Missa de Santa Cecília*²⁵ e a *Missa Pastoril*.²⁶ Em 1997, a mesma FUNARTE relança, já em CD duplo,²⁷ a *Missa de Santa Cecília* e as *Matinas de Finados*, gravadas originalmente em 1959 e 1980. No ano de 2000, o CD do selo francês Jade, “Terra de Santa Cruz – *Musique Sacrée du Brésil*”,²⁸ contém remasterizações da *Missa de Nossa Senhora do Carmo*, e as *Matinas do Natal*, ambas gravadas originalmente em 1986. O mesmo selo Jade apresenta outro CD, em 2005, com o título “*La Passion du Baroque Brésilien*”,²⁹ com a mesma gravação da *Missa de Nossa Senhora do Carmo*.

¹⁹ GC 46.

²⁰ MMB 80016.

²¹ FJA 099.

²² Kuarup DB 004.

²³ ACC 100-002.

²⁴ Clio Discos LPVO-004.

²⁵ MMB 82.024/025.

²⁶ Catalogação não identificada.

²⁷ FUN 001-2M/95.

²⁸ LC 8126.

²⁹ JAD301 716-8.

Além de suas inúmeras gravações dedicadas à obra de José Maurício, Cleofe e a ACC fizeram incursões em outros repertórios. Inicialmente, de José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita (1745?-1805), um dos mais importantes compositores mineiros do século XVIII, foram gravadas a *Missa em Mi bemol*, MIG 21, em 1957, pelo selo Festa,³⁰ e a antífona *Salve Regina*, MIG 40, também pela Festa.³¹ Esse segundo LP traz também o *Hino a 4, Maria, mater gratiae*, de Marcos Coelho Netto (fl. Sec. XVIII), a *Novena de Nossa Senhora do Pilar*, de Francisco Gomes da Rocha (1745-1808) e o *Credo*, de Ignácio Parreiras Neves (1730-1794), todas obras recém descobertas e publicadas por Francisco Curt Lange, num momento de grande efervescência com relação à música brasileira do passado. Ainda de compositores mineiros, foram gravadas, em 1985, a *Missa e Credo a 8 vozes*, de João de Deus Castro Lobo (1794-1832),³² e o *Magnificat*, de Manoel Dias de Oliveira (1734?-1813).³³

Compositores brasileiros do século XX também foram contemplados com gravações da ACC. Já em 1958, foi lançada a *Cantata Seca*,³⁴ de Camargo Guarnieri (1907-1993). Em 1961, no LP “Música de Sempre do Barroco a Villa-Lobos”,³⁵ foi gravado o *Magnificat Alleluia*, de Villa-Lobos (1887-1959). Nesse mesmo ano, outro LP³⁶ trouxe a *Bendita Sabedoria*, também de Villa-Lobos, as *Estâncias*, de Brasília Itiberê (1896-1967) e a *Missa em Si bemol*, de Francisco Mignone. A *Missa de São Sebastião*, de Villa-Lobos foi gravada em dois momentos diferentes: o primeiro, no início da década de 1960,³⁷ e o segundo, lançado em 1978.³⁸ Nesse segundo LP, foram gravadas também as *Bachianas Brasileiras no.9*. Mignone também teve outra obra gravada pela ACC, já em 1978: a *Missa em Fá*.³⁹ No já mencionado LP comemorativo dos 40 anos da instituição, aparecem obras de Elizabeth Zamorano Nunes (?-?), *Cantar Guiado*; Bruno Kiefer (1923-1987), *Oração do Poeta*; Marlos Nobre (1939), *Coros de Natal*; Almeida Prado (1943-2010), *Três Cânticos de Amor*, além de regravações do *Magnificat Alleluia*, de Villa-Lobos e de *Estâncias*, de Brasília Itiberê. Foi incluído também o *Moteto para a Procissão dos Passos*, de Manoel Dias de Oliveira.

³⁰ LDR 5005.

³¹ LDR 5006.

³² CLIO 100050CBS.

³³ CLIO ACC100002.

³⁴ Festa LDR 5010.

³⁵ Catalogação não identificada.

³⁶ Festa LDR 5025.

³⁷ Festa LDR 5023.

³⁸ Museu Villa-Lobos / Tapeçar, Album 022/1978.

³⁹ EMI-ODEON 31C063422708.

O coro da Associação de Canto Coral, principalmente nos cerca de 50 anos em que foi dirigido por Cleofe Person de Mattos, foi uma típica sociedade coral com grande quantidade de cantores, com características híbridas, do ponto de vista da emissão vocal, do nível de conhecimento musical e do tipo de atuação profissional individual. Eram cantores com grande comprometimento com a atividade do conjunto e guiados por uma estética musical com características românticas. A execução pioneira das obras do passado musical brasileiro, com destaque para as de José Maurício, refletem essas características estilísticas, reflexo de uma época. Naturalmente, novas tendências foram surgindo com relação à execução de repertórios históricos, principalmente com a voga da execução “historicamente informada”, com seus virtuosismos, sofisticações e impessoalidades, gerando novas leituras das obras de José Maurício e de outros compositores brasileiros do período colonial.

A produção intelectual e artística de Cleofe Person de Mattos gerou grande quantidade de documentos, papéis diversos, manuscritos e partituras que transformaram seu apartamento, na Rua da Glória, onde residiu por cerca de 50 anos, num imenso arquivo ou biblioteca. Após sua morte, iniciou-se a reorganização de todo esse material. Sua sobrinha, Astrid Person de Mattos, foi pioneira nesse processo, colocando todos os documentos, inicialmente, em caixas, naturalmente de maneira empírica, por não ter uma avaliação precisa dos diversos tipos de documento.

O passo seguinte foi a oportunidade da mesma equipe de pesquisadores que desenvolveu o projeto do Cabido do Rio de Janeiro se interessar pelo material, para reorganização e digitalização desse enorme patrimônio cultural. Surgiu, assim, o “Acervo Cleofe Person de Mattos” (ACPM), que reúne a maior parte dos documentos ligados à sua vida pessoal e profissional, e que foi disponibilizado para pesquisa na *Internet*,⁴⁰ e também através de *CD-Roms*. É possível encontrar cópias de fontes manuscritas de obras de José Maurício, além de fontes primárias documentais sobre sua vida. É possível ter acesso também a esboços de textos preparados e publicados pela pesquisadora, bem como aqueles que permaneceram apenas em embrião. Muito da vida musical da Associação de Canto Coral e do Rio de Janeiro pode ser consultado na

⁴⁰ Disponível em www.acpm.com.br. Acesso em 18 de fevereiro de 2017.

documentação que lá se encontra. É um manancial inesgotável, que se presta a todo tipo de pesquisa.⁴¹

A documentação física foi doada para a Biblioteca Alberto Nepomuceno, da Escola de Música da UFRJ, e depositada numa sala especial, para eventual consulta direta por parte dos pesquisadores. Infelizmente, esse acesso físico é o aspecto mais complicado de todo o processo, já que nunca houve um funcionário colocado à disposição para atender os interessados.

Cleofe não era uma pessoa religiosa e é curioso que tenha se dedicado de corpo e alma a um compositor sacro, um padre com filhos. Sua atitude anticlerical se reflete um pouco em sua pesquisa, como, por exemplo, na maneira de ordenar as obras em seu Catálogo Temático, ignorando as grandes unidades cerimoniais e fragmentando seções de obras maiores em entradas separadas, o que, muitas vezes, confunde o consulente. Era sempre curiosa sua dependência de seus cantores mais envolvidos com a religião católica, nas cerimônias religiosas nas quais o coro participava.

Cleofe se insere na tradição, que vem do século XIX, de considerar José Maurício um injustiçado, mas, ao mesmo tempo, o maior representante da arte musical brasileira do passado, dentro do projeto que ganhou grande impulso com a busca de símbolos para a nação brasileira após a República, em 1889. Frequentemente são trazidas à tona, por exemplo, as conhecidas querelas entre o compositor carioca e Marcos Portugal, e a indignação pessoal dela com relação aos problemas sofridos por José Maurício estavam sempre presentes nos seus ensaios e nas suas conversas.

Toda essa tradição, oriunda do século XIX, não foi favorável à recepção mais consistente da obra de José Maurício, na medida em que sua produção musical acaba sendo justificada pelo seu aspecto nacionalista, histórico, além de buscar reflexos nos aspectos da vida pessoal do compositor. Para se ouvir o *Requiem*, de 1816, é necessário que seja sempre contada a história da composição da obra associada com a morte de sua mãe, “feita entre lágrimas”, e outros exemplos mais. A obra de José Maurício precisa ser ouvida por sua impressionante qualidade estética, desde seus aspectos mais simples, passando pelo virtuosismo mais exuberante, até as filigranas composicionais mais ocultas, e que só são reveladas pela escuta e análise atentas e desprovidas de quaisquer condicionamentos não estéticos.

⁴¹ Será lançada em breve a monografia D. Pedro I, Músico, de autoria de Cleofe Person de Mattos, com estudo e edição de Carlos Alberto Figueiredo. As fontes estão no ACPM e será publicada dentro do projeto SINOS, desenvolvido pela Escola de Música da UFRJ, com a coordenação de André Cardoso.

É impossível dissociar a obra de José Maurício Nunes Garcia da trajetória de Cleofe Person de Mattos, até mesmo nos aspectos mais pitorescos. Não foi por acaso, que a sede da Associação de Canto Coral, inaugurada na década de 1960, tivesse sido instalada na Rua das Marrecas, rua em que morou José Maurício durante grande parte de sua vida, e onde dava atendimento a seus alunos. Além disso, alguns dos filhos de amigos de Cleofe foram batizados com o nome de José Maurício.

Cleofe estabeleceu parâmetros importantes para a musicologia brasileira, sendo possível, naturalmente, haver questionamentos sobre suas metodologias, mas é pelo trabalho ímpar desenvolvido por ela, na divulgação da obra de José Maurício, que podemos, hoje, ouvir gravações as mais variadas e analisar composições do padre-mestre.

Carlos Alberto Figueiredo é Doutor em Música pela UNIRIO e fez estágio pós-doutoral, no CESEM da Universidade Nova de Lisboa, sob a orientação de David Cranmer. Foi professor dos Programas de Pós-Graduação em Música da UNIRIO, da UFSJ e da UFG. Participou de vários projetos editoriais brasileiros de relevo, com destaque para *Acervo e Difusão de Partituras – Museu da Música de Mariana*, onde atuou como coordenador editorial, e *Patrimônio Arquivístico-Musical Mineiro*. É autor do *Catálogo de Publicações de Música Sacra e Religiosa Brasileira – obras dos séculos XVIII e XIX* (disponível on-line em www.musicasacrabrasileira.com.br) e dos livros (e-books) *Música Sacra e Religiosa Brasileira dos séculos XVIII e XIX – teorias e práticas editoriais* (2017); *Responsórios do Sábado Santo, de David Perez – estudo e edição crítica*; (2017); *Três Estudos sobre a Recepção da Antífona Salve Regina de Lobo de Mesquita: Edições, Análises e Gravações* (2020); *Orpheon Carlos Gomes (1897-1900) – uma sociedade musical na Belle-Époque do Rio de Janeiro* (2021). Estudou Regência Coral com Frans Moonen, no Conservatório Real de Haia, Holanda. Fez cursos complementares na Fundação Kurt Thomas da Holanda e na Bachakademie de Stuttgart. Foi regente do Coro de Câmara Pro-Arte desde 1976, e tem atuado como regente convidado dos coros da OSESP, Camerata Antiqua de Curitiba, Polifonia Carioca, Sacra Vox e Fundador, de Puebla, México. Foi regente preparador do coro da Associação de Canto Coral entre 1975 e 1983, seu diretor artístico entre 1995 e 2012.